

Badaladas

JORNAL TRIMESTRAL DA CATEQUESE

Igreja da Santíssima Trindade (Paróquia de Santa Maria) | Diretor: Pe. Henrique Santos | Preço: 1,00 Badaladas

N.º 1T | abril | 2017

Editorial

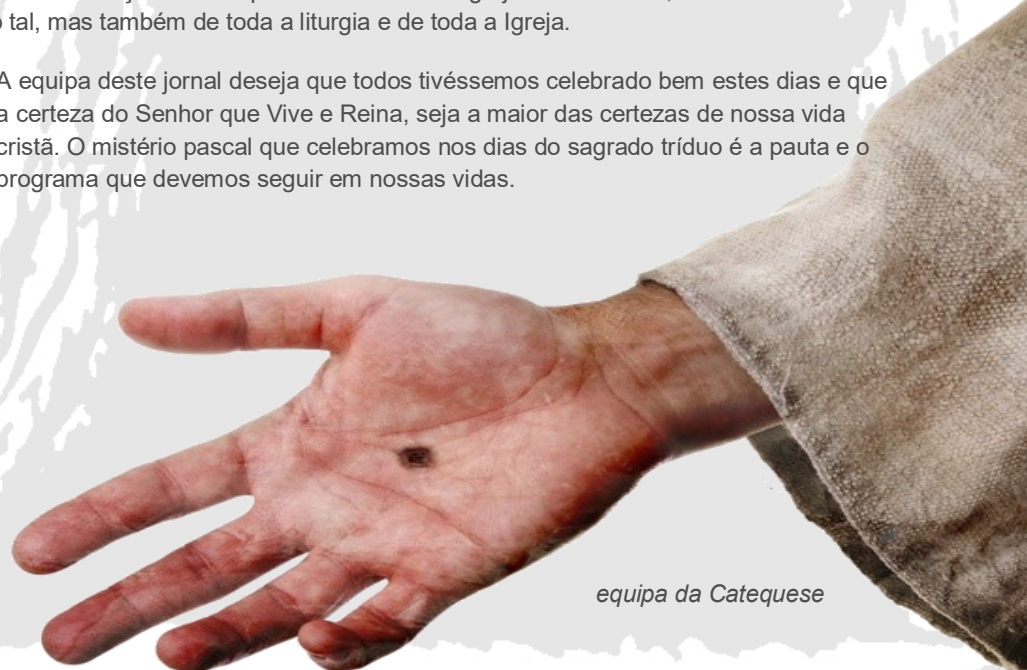
Neste Jornal vamos mostrar o que se tem feito na catequese ao longo deste período, apresentar as nossas festas, o que temos feito no Grupo Coral, dias festivos como o de São José, Dia do Pai, o Domingo de Ramos e a mais recente aquisição da Igreja, uma Via Sacra. Este tempo que vivemos contemplou, ainda, um dos momentos mais intensos e ricos da Liturgia: a Páscoa. Durante a Quaresma, o tempo que antecede a Páscoa, tentámos viver a bondade de Deus, procurando a conversão, uma mudança nas nossas atitudes e gestos e um compromisso. A Semana Santa ou Semana Maior chegou e com ela a semana dos cristãos, a mais significativa das semanas. A liturgia fala-nos de um amor infinito, de um mistério e de uma bondade que não conheceu limites. Nesta semana de reflexão tentámos meditar porque a paixão, a dor, o abandono, a solidão, a morte, têm tanto significado para nós...

O Tríduo Pascal, que no fundo define a nossa vida enquanto cristãos, é composto de três momentos distintos, mas integrados: a Doação, a Paixão e a Ressurreição. Na Quinta Feira Santa, Dia do mandamento novo, do ministério da doação e do Lava-pés, celebramos a entrega total na doação eucarística (Última Ceia). Celebramos o amor que se entrega na cruz e na glória e que nos leva à descoberta do amor. É nesta Eucaristia que se inicia o Tríduo Pascal. Na Sexta Feira Santa, vivemos o Amor levado ao extremo, na entrega, no sofrimento e na morte, choramos aquele que morre na cruz, caminhamos lado a lado com o Senhor Morto. É a sexta feira da Paixão. Contudo, e aqui está a beleza da liturgia integrada como única celebração de vida, não só adoramos o madeiro, como também o beijamos, porque Ele é sinal de glória. Nele adoramos Aquele que viverá, que ressurgirá da morte e nos libertará a todos. A cruz lembra a dor, mas também reforça a certeza da vitória. No Sábado Santo, dia de vigília de oração, de esperança esperamos a Vida Nova. Celebramos a Vigília das Vigílias, como dizia Santo Agostinho, da luz das luzes, do poder da vida sobre a morte. Afinal, ressuscitado e vivo é o nosso Deus. É por isso que esta noite é tão cheia de significados e de símbolos: Liturgia do fogo e da luz; Liturgia da Palavra; Liturgia Batismal e Liturgia Eucarística. Somos, com Cristo, ressuscitados para uma vida nova e comungamos aquele que é o Senhor ressuscitado, nossa Páscoa. Na Páscoa cantamos o Aleluia guardado para este momento tão sublime e lembramos que a partir deste momento, somos com Ele, ressuscitados para um mundo novo, alicerçado na paz, na justiça, no amor e na fraternidade. O tríduo termina com a oração das vésperas (tarde) do Domingo de Páscoa, que é o domingo dos domingos, como afirma Santo Atanásio, mas não a culminação de um tríduo preparatório, e sim a reafirmação da Vitória, já celebrada na grande Vigília do dia anterior. O maior tesouro da liturgia está nestes três dias, nos quais recordamos a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Nosso Senhor. O tríduo pascal é a celebração mais importante na vida da Igreja. Desta forma, estes três dias são o centro não só do ciclo da Páscoa como tal, mas também de toda a liturgia e de toda a Igreja.

Nesta edição:

- Grupo Coral da Catequese
- Festas da Catequese
- Aconteceu na comunidade
- Dia do Pai e S. José
- A Via-Sacra: entrevista com o autor
- A Páscoa
- Domingo de Ramos
- Quarta-feira de Cinzas
- Passatempos
- O "Cantinho" do Papa

A equipa deste jornal deseja que todos tivéssemos celebrado bem estes dias e que a certeza do Senhor que Vive e Reina, seja a maior das certezas de nossa vida cristã. O mistério pascal que celebramos nos dias do sagrado tríduo é a pauta e o programa que devemos seguir em nossas vidas.



equipa da Catequese

Grupo Coral da Catequese

Não foi há muito tempo que surgiu a ideia de realizar uma Eucaristia da Catequese. Com esta primeira ideia surgiu uma segunda: formar um grupo coral da Catequese, para animar tais Eucaristias. Da ideia à ação foi preciso bastante mais! Um grupo coral de crianças sem crianças era coisa descabida... Foi graças aos catequistas e, principalmente, aos catequizandos da nossa comunidade (e o inestimável envolvimento dos seus pais e encarregados de educação) que o Grupo Coral da Catequese se tornou uma realidade.

Os adultos “sacam” das guitarras, escolhem os cânticos e afinam o pessoal (alguns precisam de mais afinação, pois têm mais jeito para escrever mensagens e tirar fotos para o jornal, mas não vamos falar em nomes...). Depois, as crianças “ligam” as suas vozes... e o coro acontece. E não é possível ficar indiferente às suas vozes... Quem dizia “cantar é rezar duas vezes” sabia bem o que dizia. Tudo isto é feito num clima de grande alegria e companheirismo, tornando “miúdos” e “graúdos” numa mesma coisa: um instrumento musical de renovação e de preparação de uma nova geração de cristãos e um motor de maior alegria e espiritualidade na celebração da Eucaristia.

Usamos este “cantinho” para agradecer todo o apoio recebido por parte da comunidade. Mas falta ainda muito caminho a percorrer! Queremos mais crianças a participar! Quer saibas cantar, tocar um instrumento ou apenas bater as palmas, vem participar também! Os ensaios decorrem às 6.ªs feiras das 19h às 20h. Podemos contar com a vossa ajuda?



Igreja da Santíssima Trindade
Covilhã Portugal

Grupo Coral da Catequese



Festa da Esperança

No passado dia 12 Fevereiro, perante a comunidade cristã, os adolescentes do 5.º ano, com muita simplicidade, celebraram a festa da Esperança. Ao celebrarmos esta festa, queremos com eles dar testemunho da alegria de descobrir melhor o que é acreditar, o que é ter fé, o que é dizer “Eu tenho esperança”.

A esperança é símbolo da Aliança de Deus para com a humanidade, na verdade, no meio das tempestades e dificuldades do caminho, é a esperança que nos permite encontrar um ponto de apoio, firme, para chegarmos ao coração de Deus.

Às vezes, podemos ter a sensação que estas festas da catequese interrompem o rito normal das nossas celebrações, como se fossem algo extraordinário ou até supérfluo. No entanto, eles revestem-se de uma importância enorme para toda a comunidade, pois são expressão da nossa corresponsabilidade e envolvimento no processo de crescimento na fé dos mais novos e ajuda-nos a recuperar, na nossa vivência cristã, dimensões fundamentais da nossa própria fé.

Maria Teresa e Maria Páscoa, Catequistas do 5.º ano



Festa das Bem-Aventuranças

As festas da Catequese são momentos de alegria. São sinais intermédios de uma caminhada maior. São desafios para percorrermos novos caminhos. Este momentos são marcados pela partilha, pois apesar de serem “nossos”, nós os partilhamos com as nossas famílias e a comunidade que nos acolhe, dentro da Eucaristia onde Cristo se dá a nós.

Este ano aprofundamos um “código” de felicidade que nos foi proposto por Jesus. Todos os que aceitam o convite a viverem nele as suas vidas descobrem que a vida é um ato de revelação de

amor, edificando-nos continuamente a sermos membros do Corpo de Cristo, através das nossas ações concretas (pois sem elas ser cristão é algo vazio). Neste ano, somos convidados a aprofundar alguns traços fundamentais da identidade pessoal, seja pelo olhar para nós mesmos, seja pelo olhar para o outro. O “quem sou eu?” resolve-se incluindo o “quem somos nós?”. É nos também proposto (é disso que se trata a Catequese: uma proposta de vida) os grandes valores do Reino (paz, verdade, justiça, liberdade, o amor...), como nos transmitiu Jesus. Fomos (vamos), assim, descobrindo o “Projeto +”, uma proposta para mais vida interior, partindo de problemas da vida real, refletidos em grupo à luz do Evangelho.

Pedimos ao Senhor a confiança, a alegria e a vontade de acolher e celebrar as Bem-Aventuranças, para que encontremos a paz interior, como peregrinos da vida, confiantes e atentos à voz de Deus.

Grupo do 7.º ano

Festa da Vida

Na mensagem para a Quaresma o Papa Francisco diz que “A Quaresma é um novo começo, uma estrada que leva a um destino seguro: a Páscoa de Ressurreição, a vitória de Cristo sobre a morte. E este tempo não cessa de nos dirigir um forte convite à conversão: o cristão é chamado a voltar para Deus «de todo o coração» (Jl 2, 12), não se contentando com uma vida medíocre, mas crescendo na amizade do Senhor.” Foi neste ambiente que o 8º ano da Catequese fez a sua Festa da Vida, no passado dia 12 de março. Uma Festa em que cada adolescente foi convidado a viver a sua Cruz, a Cruz da Vida, da Aliança do Amor e da Comunhão entre Deus e o homem por Jesus Cristo e que quiseram perceber que foi por Ele que a nossa Vida teve realmente sentido. Os nossos jovens acreditaram que Jesus é o único capaz de dar sentido à nossa existência, de iluminar o nosso caminho e, de nos levar à construção do Seu Reino, que nada mais é que um Reino de Amor.



O Evangelho deste dia relatava a transfiguração de Jesus, em que os discípulos depois de terem ouvido falar do “caminho da cruz” e de terem constatado aquilo que Jesus pede aos que o querem seguir, se sentem desanimados e frustrados, pois a aventura em que apostaram parece encaminhar-se para um rotundo fracasso. O evangelista Mateus pretende dar uma palavra de ânimo aos discípulos para eles percebam que o projeto que Jesus apresenta é um projeto que vem de Deus; e, apesar das suas próprias dúvidas, devem confiar, ter esperança e apostar nesse projeto que Deus tem para nós.

Foi uma Festa, uma Catequese destinada a ensinar que Jesus, Árvore da Vida, é o Filho amado de Deus, que traz aos homens um projeto que vem de Deus. Nesta Quaresma com Vida, queremos que nos transformes numa Páscoa frutificada no testemunho da alegria ao próximo! Porque Ele é a Vida!

Grupo do 8.º ano

Conferências Quaresmais

À semelhança de anos anteriores, as conferências Quaresmais, promovidas pelo Pe. Henrique Santos e seus colaboradores na Universidade da Beira Interior, são um espaço de reflexão dentro da caminhada em direção à Páscoa.

Esta reflexão carece, muitas vezes, de um estímulo externo que nos chama a pensar de modos novos a nossa vivência em Cristo. É neste âmbito de partilha de ideias que devemos redescobrir a Mensagem, de modo a que esta não seja uma mera repetição e possa ser atualizada, sentida e verdadeiramente vivida por cada um.

O tema deste ano foi “Fátima”. As três conferências pretenderam não só dar uma multiplicidade de análise ao assunto, mas também recordar Maria como exemplo perfeito de entrega e de confiança em Deus.

Via Sacra, 2017

Decorreu, no passado dia 5 de abril, com a colaboração das paróquias e movimentos cristãos da cidade, a celebração da Via-Sacra. Desde a partida na Igreja de Nossa Senhora de Fátima até ao Calvário, a Comunidade teve a hipótese de refletir e interiorizar melhor a Paixão de Cristo e a doação da Sua vida para a remissão dos nossos pecados.

Caminhada noturna

No próximo dia 28 de abril, pelas 24:00, realiza-se a caminhada noturna deste ano letivo. Terá início com a eucaristia às 24:00 no Santuário da N. Sr.^a do Carmo (Teixoso), seguindo pelo Canhoso: Águias do Canhoso, pela Vila do Carvalho: Filarmónica, pelo Pelourinho: Igreja da Misericórdia, para terminar no Monumento a N. Sr.^a da Conceição.

Conferências Quaresmais
Fátima
Anfiteatro da Biblioteca Central, UBI

15 de março | 4.ªF | 21h00
O Fenómeno de Fátima: Uma reflexão sociológica
Prof. Donizete Rodrigues
Departamento de Sociologia, UBI

21 de março | 3.ªF | 21h00
Na vocação da Virgem Mãe, o reflexo de toda a Vocação
Pe. Paulo Figueiró
Reitor do Seminário Maior da Guarda

29 de março | 4.ªF | 21h00
No centenário das Aparições: a atualidade da mensagem de Fátima
D. Manuel Felício
Bispo da Diocese da Guarda

Com a colaboração de:
Arcebispo da Guarda
UBI – Gabinete de Relações Públicas e Tipografia

1917/1111/2017

Via Sacra
2017

5 de abril
4.ªF | 21h00
da Igreja de Nossa Senhora de Fátima (junto à UBI) até ao Calvário

Com a colaboração dos:
Movimentos cristãos e paróquias da cidade
UBI – GRP e Tipografia

<http://capelania.ubi.pt> <https://www.facebook.com/capelania.ubi.7>

Caminhada noturna

2016/2017
Alegria na busca da Luz

28 de abril, 2017, 6F
24:00h

Eucaristia às 24:00 no Santuário da N. Sr.^a do Carmo (Teixoso) seguindo pelo Canhoso: Águias do Canhoso, pela Vila do Carvalho: Filarmónica, pelo Pelourinho: Igreja da Misericórdia, para terminar no Monumento a N. Sr.^a da Conceição.

Com a colaboração de: UBI – GRP e Tipografia

Dia do Pai

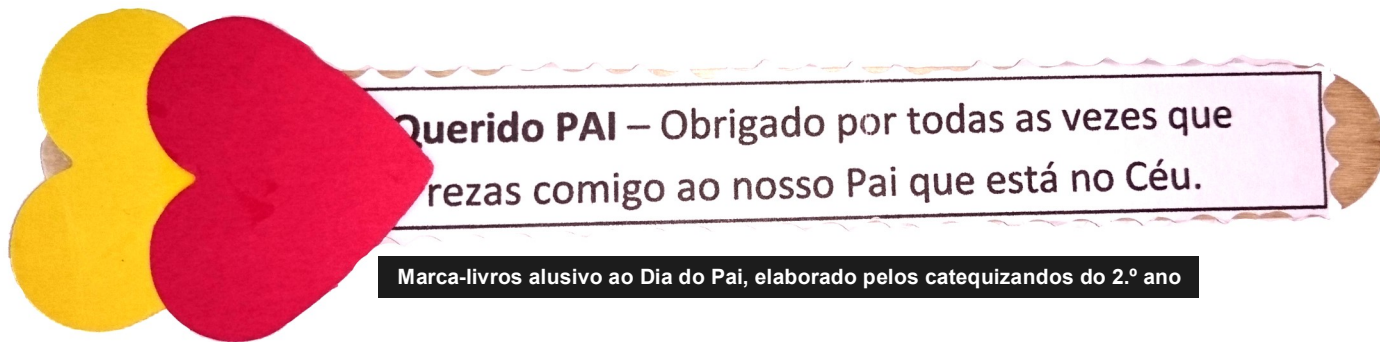
Do Pai que trabalha e do Pai que procura trabalho, do Pai que dá tudo o que tem e do Pai que dá o que não tem, do Pai que está próximo e do Pai que está longe. Do Pai que, em qualquer circunstância, não deixa de ser Pai porque sabe que é preciso – cada vez mais – na sua família e na sociedade. Do Pai que respeita e protege a Mãe e os seus filhos. Do Pai que dá aos filhos «segurança, estabilidade, carácter e sentido de pertença» (G. C. Ceballos), com uma autoridade que é especificamente sua, que não é autoritarismo, e que promove a autonomia, a responsabilidade e a criatividade. Do Pai que procura ter um papel cada vez mais secundário no Mundo, para que este seja cada vez mais protagonizado pelos seus filhos.

Do Pai que quer ser Pai.

Porque ser Pai é mais do que cumprir um papel dentro da família e da sociedade. Ser Pai é acima de tudo ser o amigo em todas as horas... é estar sempre próximo, acessível, procurando sempre estar presente na vida do filho. Ser Pai é aceitar as responsabilidades que ultrapassem o limite de suas forças, Ser pai é educar constantemente, abdicando muitas vezes de responsabilidades para poder jogar à bola ou brincar às princesas. Ser Pai é ter a capacidade de, embora cansado de um dia de trabalho ainda ter a generosidade para ouvir as histórias mais absurdas dos seus filhos.

Ah... Como o tempo passa depressa e os primeiros passos rapidamente se transformam-se em passos largos, voz grave e alguém que passou a ser da mesma altura e sempre cheio de razões e opiniões sobre tudo... Sim a missão é pesada e difícil, mas a recompensa virá na alegria dos filhos, e principalmente em ver o homem ou a mulher que se criou!

Isabel Ferreira, Catequista



Marca-livros alusivo ao Dia do Pai, elaborado pelos catequizandos do 2.º ano

São José: um personagem menor?

Celebrámos na nossa comunidade, como anualmente no dia 19 de março, o dia consagrado a São José. Será que saberemos entender a figura de São José e a sua verdadeira importância para nos ser revelado o Messias? Parece que nos eventos do nascimento de Jesus, José desempenha um papel de menor importância. Mas terá sido bem assim?

Segundo a tradição cristã, José nasceu em Belém da Judeia, no século I a.C.. Pertencia à tribo de Judá e era descendente do rei David de Israel. Segundo a Bíblia, era carpinteiro de profissão (embora provavelmente fazia outras coisas, sendo um obreiro pago à jorna ou ao dia), ofício que teria ensinado a Jesus, como era tradição. Por motivos familiares ou de trabalho, transferiu-se para Nazaré e tornou-se noivo de Maria (por arranjo com seus pais e José), como era normal na sociedade de então.

Não é certa a idade de José nesta altura. Na maioria das representações iconográficas que temos dele é representado como alguém ainda jovem, mas provavelmente José seria um homem já de idade avançada (eventualmente mesmo já viúvo e pai de filhos) e com um lugar bem estabelecido na comunidade de Nazaré.

Foi nessa altura (ainda durante o noivado) que o Anjo Gabriel apareceu a Maria, comunicando-lhe os planos de Deus. Aceitando esse plano, Maria aceitou conceber Jesus, ou seja Maria encontrava-se agora grávida. Deus enviava o Seu Filho aos Homens. O que era necessário para que Ele pudesse andar entre nós? Certamente uma Mãe... Mas, por aqueles dias uma mãe solteira não era algo tolerável pela sociedade e usualmente a situação resultava num apedrejamento até à morte... Era, pois, inevitável a existência de uma figura paterna para que Jesus, incarnado pela vontade de Deus em Maria, pudesse nascer.

Embora tivesse acontecido algo extraordinário, José nada sabia destes acontecimentos, até que Maria lhe contou. Acham que José acreditou à primeira? Para José, Maria tinha estado com outro homem e por isso estava grávida... Na época, as leis também eram muito diferentes. Na situação em que José estava, ele poderia repudiar Maria e ela podia ser sujeita à morte por apedrejamento público... Confrontado com esta situação (a suposta infidelidade de Maria), José, certamente por amor a Maria, apenas lhe diz para voltar para sua casa, pois não queria difamá-la e fez então tenção de deixá-la secretamente. Nesse momento, se o coração de José não possuísse amor, todo o plano de trazer ao mundo o Salvador teria ido por água abaixo... Maria teria sido morta e Jesus já não nasceria...

Nesse dia, ainda perturbado com o que acontecera, José adormeceu. Foi em sonho que Deus lhe revelou toda a verdade relativamente a Maria. José iria adotar o Seu Filho e assim contribuir para a justiça que Jesus iria proclamar e pôr em prática anos mais tarde.

Indo a Belém para o recenseamento, lá nasceu Jesus. Pouco depois teve de fugir com Maria e Jesus para o Egito, donde regressou a Nazaré. Quando Jesus tinha doze anos, vemos José e Maria em Jerusalém, onde perdem Jesus e o reencontram entre os doutores do templo. A partir desse episódio, os Evangelhos nada mais dizem sobre José e é muito provável que tenha morrido antes de Jesus iniciar a sua vida pública.

O culto litúrgico a S. José celebra-se, pelo menos, desde o século IV, quando Santa Helena lhe dedicou uma igreja. No oriente, celebrava-se, a partir do século IX, uma festa em sua honra. No ocidente, o culto é mais tardio. No século XII, é celebrado entre os Beneditinos e os Carmelitas, que o propagam na Europa. No século XV, João Gerson e São Bernardino da Sena são seus fervorosos propagandistas. Santa Teresa de Jesus era uma devota fervorosa de São José e muito promoveu o seu culto.

Francisco Ferreira, 6.º ano



Pequena lembrança para os pais dos nossos catequizandos

Via-Sacra: entrevista com o autor

No dia 19 de março, foi apresentada, à nossa comunidade, uma Via-Sacra colocada nas paredes laterais da Igreja da Santíssima Trindade. Pelo seu carácter distinto e original, foi colocada à apreciação da comunidade. O agrado e aceitação foram manifestamente esmagadores e, no dia 2 de abril, foi oficializada a permanência da Via-Sacra na nossa igreja, através da sua bênção, pelo Padre Henrique. Esta oferta exclusiva embeleza e enriquece o património da nossa paróquia e far-nos-á contemplar, em cada passo, o modo como Jesus realizou a sua oferta de amor por nós, até ao fim. Vamos conhecer um pouco melhor a obra e o seu autor, o professor José Manuel Pereira.

Em primeiro lugar, conte-nos um pouco sobre o seu percurso na arte.

Eu penso que o meu percurso na arte se inicia em tenra idade, por sempre me ter sentido fascinado por tudo o eu fosse pictórico. A facilidade de leitura e de interpretação pessoal auxiliava os estímulos na tentativa de reproduzir em pequenos desenhos o mundo que me rodeava. Também não posso deixar de reconhecer e agradecer o contributo da minha falecida mãe, que sempre soube estimular e valorizar esse meu desejo de criar. Com estes estímulos, o percurso foi-se fazendo e, naturalmente, passou pela formação académica que se iniciou de forma mais vincada na Escola Campos Melo no curso de artes do secundário, aquando da minha vinda para a Covilhã no início da década de 80. A formação continuou em Lisboa na área de Design e há poucos anos complementada com um mestrado em Cultura Visual. Para alimentar o meu espírito criativo, andei durante duas décadas a desenvolver e criar mobiliário de peças únicas numa pequena oficina, mas que com a chegada da crise financeira e, subsequentemente, a falta de encomendas, vi-me obrigado a encerrar as instalações mas mantendo as ferramentas e alguns materiais. Foi nesta conjuntura que, há cerca de 4 anos, aproveitando a experiência na manipulação deste material nobre que é a madeira e tendo as ferramentas necessárias para o fazer, comecei a alimentar a minha necessidade criativa, fazendo algumas peças escultóricas de caris mais abstrato. Apesar de auto didata na escultura, sinto um enorme preenchimento quando me entrego ao processo criativo e isto só por si já é motivo suficiente para fazer desta atividade um momento muito gratificante.

Habitualmente há uma separação entre o “homem” e o “artista”. Qual deles teve a ideia de conceber esta obra?

Não penso que essa separação seja fácil. Enquanto homens, somos um pouco de tudo o que nos forma a personalidade, o artista, o pai, o filho, o marido, o profissional, o crente... e foi talvez esse homem crente e com as suas vivências e fé que sentiu a necessidade de contribuir com o que mais facilmente podia dar em prol da comunidade religiosa onde se insere. Tal como outros membros mais ou menos participativos da nossa comunidade, esta foi a forma que eu encontrei para contribuir para a valorização do espaço de culto onde todos os domingos nos reunimos. Não está alheio a esta minha colaboração o facto de sempre me ter sentido atraído pelos mais diversos objetos artísticos que se encontraram nas igrejas e, de todos, o vitral é o que mais me encanta. A verdade, é que até a mais modesta representação de um santo numa qualquer capela de aldeia é para mim uma manifestação de entrega humana à fé e um encontro com a arte.

Qual foi a “fonte” de inspiração para este trabalho? O que quer transmitir com ele?

A fonte de inspiração foi relativamente fácil e assenta, fundamentalmente, na minha fé enquanto cristão. Desde pequeno que estou habituado a ver a Via Sacra como um momento importante da vida e da fé cristã. Por isso, senti que faltava nesta igreja a referência ao episódio mais marcante e fundamental da toda a nossa crença. Ao longo dos tempos já houve inúmeras formas de representar as estações da Via Sacra e, na bíblia, a descrição dos momentos que antecederam a morte de Cristo são suficientemente elucidativos para podermos criar uma imagem mental de tão grande sofrimento. A estação que acabou por se tornar um desafio muito gratificante foi a XV, “Ressurreição”, que foi instituída pelo papa João Paulo II, e da qual não há muitas referências visuais, tornando-se assim a que mais me preencheu enquanto criativo. A linguagem visual que adotei, sendo figurativa, não queria que fosse demasiado óbvia, para assim permitir leituras diversas e descobertas por parte do espectador. Isto é como penso que respondo à questão do que pretendo transmitir com este trabalho, ou seja, cabe a cada um de nós, enquanto crentes, fazer a nossa descoberta interior das várias passagens da Via-Sacra, e que essa descoberta possa ser uma motivação de autoanálise enquanto cristãos.

Que materiais utilizou na sua construção?

Os materiais são fundamentalmente o reaproveitamento de matérias-primas que, em tempos, tiveram outras utilidades. Por exemplo, as madeiras que servem de suporte foram a reciclagem de uma estante de cura de queijo, isto porque a oficina onde trabalho localiza-se numa propriedade agrícola da família. Por esta razão, também usei serapilheira de sacos de batata para os panejamentos, arame farpado e algum ferro usado. Acabei por ter de comprar ferro novo da mesma medida para manter a coerência das peças em todo o seu conjunto. Utilizei, ainda, tintas acrílicas que procuraram criar um mosaico policromático, quase numa tentativa de simular a linguagem visual dos vitrais. Foi, também, usada folha de ouro nas auras para identificar o sagrado e, ao mesmo tempo, tentar resgatar a tradição da talha dourada. O processo de execução é muito espontâneo, pois recorro a motosserra para escavar as formas e fogo para moldar e amaciar as mesmas.

Não sendo um processo muito fácil para aprimorar as formas, ganha, no entanto, algum interesse na maneira como o desenho surge de forma espontânea e aleatória, o que transmite uma certa expressividade ao registro.

Deu algum título e esta obra?

Não. O título é, obviamente, "Via-Sacra" e, já tendo sido interpretada de variadíssimas formas, esta é só mais uma, a minha. Tem o pormenor da XV estação que não é usual ver nestas obras, mas procurei manter a coerência com as restantes peças. A obra só faz sentido ao ser lida no seu conjunto e não fazer leituras individuais de cada peça. Assim sendo, a obra antes de nascer já tinha título.

Foi difícil conjugar o lado artístico com o lado espiritual?

Não, muito pelo contrário, foi precisamente a manter-me focado na minha dimensão mais espiritual que me fui motivando enquanto criativo. Não me querendo tornar repetitivo, penso que o homem, enquanto ser criativo, é a soma de todas as suas dimensões e a fé é uma delas. Por isso, é natural que, em todo o processo, se sinta essa ligação e a necessidade de a usar como veículo de inspiração para nos superarmos enquanto artistas. Não posso deixar de referir que a Igreja da Santíssima Trindade é um espaço de suma importância na minha vivência cristã, pois foi neste espaço foi realizado o funeral da Alexandra, a minha esposa e mãe dos meus dois filhos, o momento de maior sofrimento da minha vida. Também eles fizeram aqui o seu percurso da catequese, ate ao crisma. Foi muitas vezes um espaço onde encontrei a paz interior que necessitava quando a vida foi mais dura comigo, por isso fez todo o sentido poder dar o melhor de mim através destas peças como forma de retribuir esse conforto. No fundo, somos a soma das nossas vivências e o que produzimos não pode ser desligado dessas mesmas experiências.

Esta Via-Sacra, posta à consideração dos membros da comunidade, poderia ter sido causa de controvérsia pelo seu afastamento relativamente à generalidade das Vias-Sacras, no entanto, teve grande aceitação por parte de todos. Como se sente perante este desfecho?

É com uma enorme satisfação que sei que o conjunto foi bem aceite pela comunidade. Na minha primeira abordagem ao Padre Henrique, ele foi perentório em me dizer que, apesar de gostar do projeto que eu me propunha fazer, queria pôr à consideração da comunidade. Entendi, de imediato, esta posição e nunca foi minha intenção impor fosse o que fosse a ninguém. Acabou por me dizer que seria bom avançar e lançou ainda o desafio de fazer a XV estação. É natural que tenha ficado com alguma inquietação quanto à possível aprovação, mas, com o decorrer do trabalho, fui tranquilizando. É claro que no momento da revelação da obra fica sempre uma reserva, mas também, como em qualquer manifestação artística, ela só fica concluída quando se expõem à observação e crítica de quem a vê. Sei que os gostos estéticos variam de pessoa para pessoa, mas, tendo em conta o espaço a que se destinava a obra, um espaço de traça contemporânea despojado de muitos adornos, senti que um trabalho feito com uma linguagem estética mais destemida podia encaixar bem.

Pela sua inovação que, como já foi referido, reflete um pouco de abstracionismo relativamente ao que é mais comum, pensa que a sua obra será corretamente entendida por todos e que haverá facilidade na interpretação e identificação de cada uma das 15 estações?

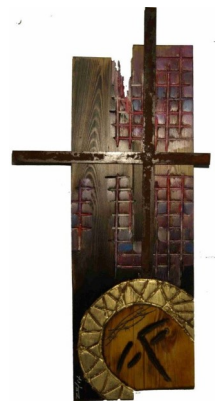
É claro que depois da apresentação pública das peças e a forma carinhosa e emocionada como algumas pessoas se dirigiram a mim a agradecer este trabalho, fiquei mais tranquilo quanto à aceitação do mesmo. Evidentemente, estes comentários vêm de quem entendeu a obra. Também tenho a noção de que pode haver outras opiniões a até quem não tenha apreciado o género. Penso que nenhuma manifestação artística consegue ser unânime, mas é precisamente assim que a arte tem evoluído e feito o seu percurso. Quanto à interpretação das peças, penso, quem conhecer as estações da Via-Sacra, não terá qualquer dificuldade em identificar cada uma delas, pois existem elementos, apesar de pouco óbvios, que revelam o momento a que se referem. Julgo que, no fundo, até pode ser um interessante exercício de exploração visual, o facto de cada espectador procurar interpretar as várias peças que compõem o conjunto e descobrir por si, os elementos que identificam cada passagem.

Quer deixar uma mensagem que facilite o envolvimento emocional e ideal do observador, para que possa apreciar integralmente esta obra maravilhosa?

Penso que já respondi parcialmente a esta questão na resposta anterior, mas posso dizer que já tive um relato de uma pessoa amiga que, de forma muito comovida, me disse que sentiu uma emoção e uma ligação interior muito forte ao ver a Via-Sacra. Fiquei, naturalmente, sensibilizado e satisfeito por o meu trabalho poder proporcionar estas sensações. Vindo de quem veio (alguém para quem a vida não tem sido fácil), não duvido que tenham sido palavras genuínas. Julgo que o envolvimento emocional do observador pode ser mais ou menos estimulado pelas peças, mas cabe a cada um, enquanto crente, sentir essa reciprocidade com o conjunto ali representado. Deste envolvimento terá de fazer parte a experiência pessoal, a forma como é vista e encarada a fé e a necessidade de trazer Cristo para a vida de cada um.

Muito grata pelas suas palavras e pelo grandioso trabalho que, generosamente, ofereceu à nossa comunidade.

Manuela Ramos, Catequista



A Páscoa

A Páscoa é uma das festas mais importantes da cultura ocidental. A sua origem religiosa remonta à antiguidade clássica greco-romana como *Pascae* que chega até nós do latim ou *Paska* do grego antigo. Foram encontradas ainda algumas referências a outras festas como esta por parte de outros povos na zona do mediterrâneo, que já há milhares de anos que a festejam. Esta data, comemorada normalmente, na primeira lua da época das flores celebrava o início de uma nova fase, uma fase próspera que simbolizava o fim de um árduo inverno, e o início das colheitas e do bom tempo, que por sua vez representava melhores chances de sobrevivência por parte das civilizações.

Por esta razão encontramos também nos dias de hoje associados a esta festividade o coelho da Páscoa e os Ovos da Páscoa. Estes dois símbolos representam a fertilidade, a procriação e uma nova vida tendo sido trazido até nós pelos povos do norte da Europa por volta do séc. XVIII. Contudo a origem mais remota chega até nós pelos Hebreus através do termo *Pesach* e cujo significado é de “Passagem”. A páscoa judaica assume entre os judeus um significado bastante importante. É segundo o antigo testamento no livro do Êxodo, que é descrita a fuga deste povo do Egito, por volta de 1250 a.C. Liderados por Moisés, atravessaram o Mar Vermelho após terem sido sujeitos a longos séculos de escravatura e por esta razão, como aspeto simbólico, os judeus ainda hoje comem o *matzá* que é um pão sem fermento. Isto simboliza assim uma rápida fuga onde nem sequer havia tempo para fermentar o pão.

Entre os Cristãos e segundo o novo testamento, esta data simboliza a ressurreição de Jesus Cristo três dias após ter sido crucificado no Calvário. A semana que antecede esta celebração tem o nome de semana santa e é inicializada com o domingo de ramos. É ainda hoje a principal celebração do ano litúrgico.

António Rui Bebiano, Acólito

Domingo de Ramos

A Semana Santa começa no Domingo de Ramos, porque celebra a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumentinho – o símbolo da humildade – e aclamado pelo povo simples, que O aplaudia como “Aquele que vem em nome do Senhor”. Esse povo tinha visto Jesus ressuscitar Lázaro de Betânia havia poucos dias e estava maravilhado. Ele tinha a certeza de que este era o Messias anunciado pelos profetas; mas esse mesmo povo tinha se enganado no tipo de Messias que Cristo era. Pensava que fosse um Messias político, libertador social que fosse arrancar Israel das garras de Roma e devolver-lhe o apogeu dos tempos de Salomão. Para deixar claro a este povo que Ele não era um Messias temporal e político, um libertador efêmero, mas o grande Libertador do pecado, a raiz de todos os males, então, o Senhor entra na grande cidade, a Jerusalém dos patriarcas e dos reis sagrados, montado em um jumentinho; expressão da pequenez terrena. Ele não é um Rei deste mundo!

Os ramos santos nos fazem lembrar que somos batizados, filhos de Deus, membros de Cristo, participantes da Igreja, defensores da fé católica, especialmente nestes tempos difíceis em que esta é desvalorizada e espezinhada. Os ramos sagrados que levamos para nossas casas, após a Missa, lembram-nos de que estamos unidos a Cristo na mesma luta pela salvação do mundo, a luta árdua contra o pecado, um caminho em direção ao Calvário, mas que chegará à Ressurreição. Dessa forma, o Domingo de Ramos dá o início à Semana Santa, que mistura os gritos de hosanas com os clamores da Paixão de Cristo. O povo acolheu Jesus abanando seus ramos de oliveiras e palmeiras.

Branca Palinhas, Catequista



Maria Beatriz, 1.º ano



Missa da
Catequese
4.º domingo

Igreja da Santíssima Trindade
Covilhã Portugal

Quarta-feira de Cinzas: perguntas frequentes



1. O que é a Quarta-feira de Cinzas? É o primeiro dia da Quaresma, ou seja, dos 40 dias nos quais a Igreja chama os fiéis a converter-se e a preparar-se verdadeiramente para viver os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo durante a Semana Santa.

2. Como nasceu a tradição de impor as cinzas? A tradição de impor a cinza surgiu na Igreja primitiva. Naquela época, as pessoas colocavam as cinzas na cabeça e apresentavam-se à comunidade com um “hábito penitencial” (saco de serapilheira) para receber o Sacramento da Reconciliação na Quinta-feira Santa. A Quaresma adquiriu um sentido penitencial para todos os cristãos quase 400 anos depois de Cristo.

3. Por que impõem as cinzas? A cinza é um símbolo. A sua função está descrita no artigo 125 do Diretório sobre a piedade popular e a liturgia: «O gesto de cobrir-se com cinza tem o sentido de reconhecer a própria fragilidade e mortalidade, que precisa de ser redimida pela misericórdia de Deus.»

4. O que simbolizam e o que recordam as cinzas? A palavra cinza, que provém do latim *cinis*, representa o produto da combustão de algo pelo fogo. Esta adotou desde muito cedo um sentido simbólico de morte, expiração, mas também de humildade e penitência. A cinza, como sinal de humildade, recorda ao cristão a sua origem e o seu fim: «Tu és pó e ao pó voltarás» (Gn 3, 19).

5. Que cinzas são utilizadas? Na cerimónia são usadas as cinzas dos ramos abençoados no Domingo de Ramos do ano anterior. Estas recebem água benta e são aromatizados com incenso.

6. Como se impõe as cinzas? Este ato acontece durante a Missa, depois da homilia e está permitido que os leigos ajudem o sacerdote. As cinzas são impostas na fronte, em forma de cruz, enquanto o ministro pronuncia as palavras Bíblicas: “és pó e em pó te tornarás” ou “converte-te e acredita no Evangelho”.

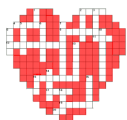
7. Quem pode receber as cinzas? Qualquer pessoa pode receber este sacramental, inclusive as não católicas. Como explica o Catecismo (1670 ss.), sacramentais não conferem a graça do Espírito Santo à maneira dos sacramentos; mas, pela oração da Igreja, preparam para receber a graça e dispõem para cooperar com ela».

8. A imposição das cinzas é obrigatória? A Quarta-feira de Cinzas não é dia de preceito e, portanto, não é obrigatória. Não obstante, é recomendável a participação, pois é uma das maneiras de assumir a caminhada quaresmal.

9. Quanto tempo deve permanecer a cinza na fronte? O tempo que a pessoa quiser. Não existe um tempo determinado.

10. O jejum e a abstinência são necessários? O jejum e a abstinência são obrigatórios durante a Quarta-feira de Cinzas, como também na Sexta-feira Santa, para as pessoas maiores de 18 e menores de 60 anos. O jejum e abstinência, atualmente, não se refere apenas a carne, mas pode ser substituída por outro tipo de mortificação ou de oferecimento, para crescimento espiritual próprio e para o bem do próximo.

Isabel Ferreira (fonte: <http://www.icatolica.com>)



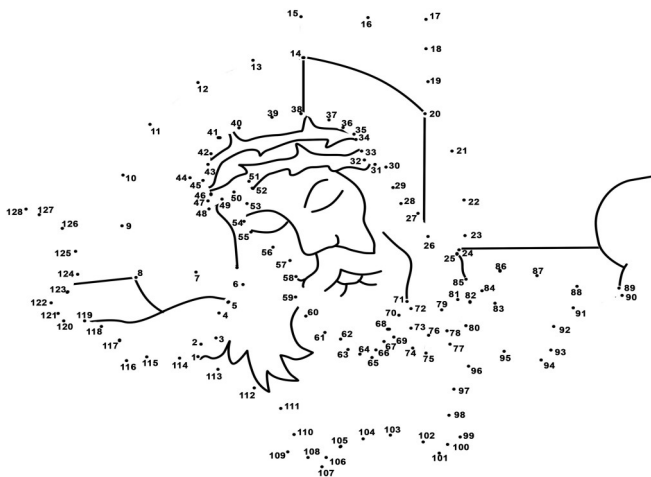
Passatempos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															

Horizontais: 1 -Fé no âmbito religioso; O que Deus deu por nós 2- Eucaristia; 3 – Voltar à vida; 4 - A pessoa de quem se fala; José abrev.; O que se respira; 5 -Decifrar o conteúdo escrito; Efeito da luz sobre os corpos; Associação Portuguesa abrev. 6 – Período de preparação para a Pascoa; 7 - Primeiro nome do autor da obra “Auto da barca do inferno”; Dormir do bebé; 8 -Deslocar-se para; Particularidade do que é justo e correto; Antes de Cristo abrev.; 9 – sentimento total de crença; 10 -Atração por coisa proibida; 11 – Criador do Universo; Aproximação ao número 3,14 ; Conjunção coordenativa disjuntiva; 12 – “De ele viemos e a ele voltamos”; Mulher muito virtuosa ou de extrema bondade mãe de Deus, Mesa onde é celebrada a missa

Verticais: 1 – Culto e devoção a tudo o que é considerado sagrado; 2 - A pessoa de quem se fala; Deslocar-se para; Sentimento de piedade e compaixão; 3 – Existência; 4 – O salvador; 5 – Símbolo da religião cristã; O mesmo que você; Bem de saúde; 6 - Segunda nota musical; Que lhe pertence; 7 - Deslocar-se para; Portugal abrev.; 8 – Receber a hóstia; Primeiras letras de “ortodoxa”; Ora a Deus; 11 – Presente do indicativo do verbo “amar” na segunda pessoa; Interjeição sonora para parar animais de carga; Sentimento de devoção e adoração; 13 –Presente indicativo do verbo ser na segunda pessoa; Símbolo do corpo de Cristo; Ato de fazer eco; “Rua” invertido; A morte de Cristo.

Grupo do 10.º ano

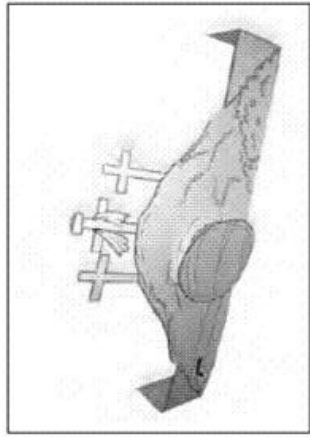


	R	A	T	A	L	A	V	A	T	N	V	S	O	P	12
	U	O				P	I	P	S	U	S	D	E	O	11
	A	O													10
		A	C	A	T	N	T	E	A	S	F	E			9
			E						U	F	E				8
						R			A	C	I	C	J	U	7
									Z	R			T		6
									O	O					5
									V	A	S	M	A	F	4
									A	P	A	R	C	O	3
											R	C	O	R	2
															1
															14
															13
															12
															11
															10
															9
															8
															7
															6
															5
															4
															3
															2
															1
															15
															14
															13
															12
															11
															10
															9
															8
															7
															6
															5
															4
															3
															2
															1

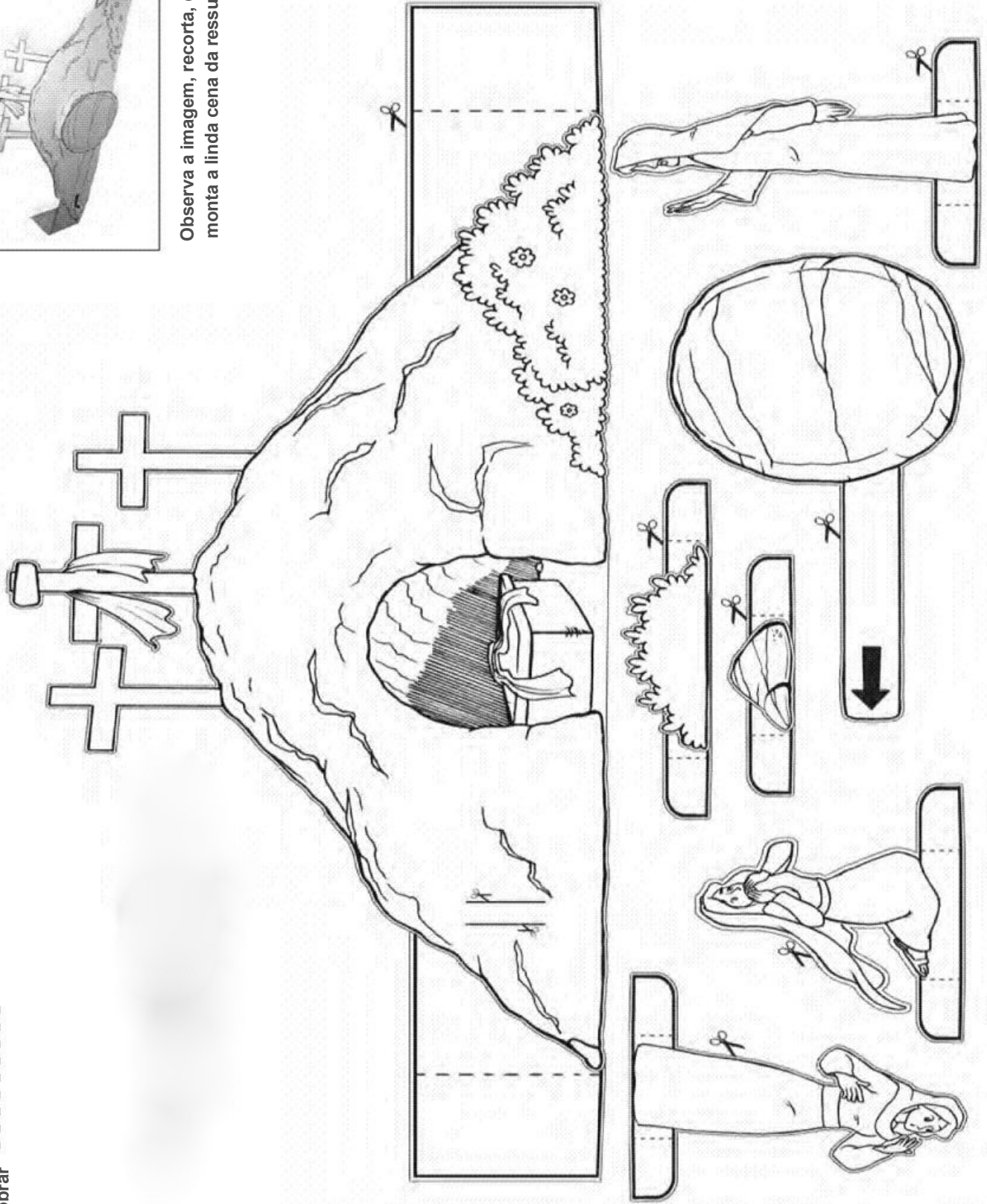
Solução

Cortar _____

Dobrar - - - - -



Observa a imagem, recorta, dobra e monta a linda cena da ressurreição





O “Cantinho” do Papa

“Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa! Hoje, em todo o mundo, a Igreja renova o anúncio maravilhoso dos primeiros discípulos: «Jesus ressuscitou!» - «Ressuscitou verdadeiramente, como havia predito!» A antiga festa de Páscoa, memorial da libertação do povo hebreu da escravidão, alcança aqui o seu cumprimento: Jesus Cristo, com a sua ressurreição, libertou-nos da escravidão do pecado e da morte e abriu-nos a passagem para a vida eterna. Todos nós, quando nos deixamos dominar pelo pecado, perdemos o caminho certo e vagamos como ovelhas perdidas. Mas o próprio Deus, o nosso Pastor, veio procurar-nos e, para nos salvar, abaixou-Se até à humilhação da cruz. E hoje podemos proclamar: «Ressuscitou o bom Pastor, que deu a vida pelas suas ovelhas e Se entregou à morte pelo seu rebanho. Aleluia!».

Através dos tempos, o Pastor ressuscitado não Se cansa de nos procurar, a nós seus irmãos extraviados nos desertos do mundo. E, com os sinais da Paixão – as feridas do seu amor misericordioso –, atrai-nos ao seu caminho, o caminho da vida. Também hoje Ele toma sobre os seus ombros muitos dos nossos irmãos e irmãs oprimidos pelo mal nas suas mais variadas formas. O Pastor ressuscitado vai à procura de quem se extraviou nos labirintos da solidão e da marginalização; vai ao seu encontro através de irmãos e irmãs que sabem aproximar-se com respeito e ternura e fazer sentir àquelas pessoas a voz d’Ele, uma voz nunca esquecida, que as chama à amizade com Deus. Cuida de quantos são vítimas de escravidões antigas e novas: trabalhos desumanos, tráfico ilícito, exploração e discriminação, dependências graves. Cuida das crianças e adolescentes que se veem privados da sua vida despreocupada para serem explorados; e de quem tem o coração ferido pelas violências que sofre dentro das paredes da própria casa. O Pastor ressuscitado faz-Se companheiro de viagem das pessoas que são forçadas a deixar a sua terra por causa de conflitos armados, ataques terroristas, carestias, regimes opressores. A estes migrantes forçados, Ele faz encontrar, sob cada ângulo do céu, irmãos que compartilham o pão e a esperança no caminho comum.

Concretamente nos tempos que correm, que o Senhor sustente os esforços de quantos trabalham ativamente para levar alívio e conforto à população civil na Síria, vítima duma guerra que não cessa de semear horrores e morte. Conceda paz a todo o Médio Oriente, a começar pela Terra Santa, bem como ao Iraque e ao Iémen. Não falte a proximidade do Bom Pastor às populações do Sudão do Sul, do Sudão, da Somália e da República Democrática do Congo, que sofrem o perdurar de conflitos, agravados pela gravíssima carestia que está a afetar algumas regiões da África.

Que seja possível construir pontes de diálogo, perseverando na luta contra o flagelo da corrupção e na busca de soluções pacíficas viáveis para as controvérsias, para o progresso e a consolidação das instituições democráticas, no pleno respeito pelo estado de direito. O Senhor ressuscitado, que não cessa de cumular o continente europeu com a sua bênção, dê esperança a quantos atravessam momentos de crise e dificuldade, nomeadamente por causa da grande falta de emprego, sobretudo para os jovens.

Queridos irmãos e irmãs, este ano, nós, os crentes de todas as denominações cristãs, celebramos juntos a Páscoa. Assim ressoa, a uma só voz, em todas as partes da terra, o mais belo anúncio: «O Senhor ressuscitou verdadeiramente, como havia predito!» Ele, que venceu as trevas do pecado e da morte, conceda paz aos nossos dias.

Feliz Páscoa!”

*Mensagem proferida na bênção Urbi et Orbi,
cidade do Vaticano, Praça de S. Pedro,
16/04/2017*



Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Comunidade pode utilizar:

Igreja da Santíssima Trindade
Paróquia de Santa Maria
R. Conde da Ericeira,
6200-086 Covilhã

(+351) 275 098 215

ig.sant.trindade@gmail.com

Ou pessoalmente na
Secretaria da Igreja

Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:

